

Apresentação

Com satisfação e sensação de dever cumprido apresentamos o segundo número de 2020 da *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios* da Universidade Federal de Juiz de Fora. O ano de 2020 reservou a todos nós dificuldades e desafios novos em todos os sentidos. Mas a colaboração de todas as partes envolvidas no processo editorial desta revista nos deu coragem e determinação para concluir mais um volume. Agradecemos então aos autores, autoras, avaliadores e avaliadoras – do Brasil e do exterior – pela confiança em nosso trabalho e pelo interesse em contribuir com a *Rónai*.

O presente número da revista conta, na seção de Estudos Clássicos, com três artigos e três traduções. Além disso, apresentamos o dossiê “Linguagem, natureza e felicidade na Antiguidade”, editado por Carol Martins da Rocha (UFJF) e Rodrigo Pinto de Brito (UFRRJ), composto por sete artigos e duas traduções. Na seção de Estudos Tradutórios, temos dois artigos, três traduções e uma entrevista. A seguir, apresentamos de modo breve as contribuições que compõem este volumoso número.

Primeiramente elencamos os textos submetidos a nosso fluxo contínuo. Abre a seção de Estudos Clássicos, o artigo de Vanessa Silva Almeida e Orlando Luiz de Araújo intitulado **Traduzindo o luto: o lamento materno em *Suplicantes* de Eurípides**. Nele os autores analisam o lamento enlutado das mães argivas na mencionada tragédia, procurando verificar como as imagens e os sentidos desse lamento construídos no texto-fonte podem ser reconstruídos na tradução para o português brasileiro.

Na sequência, em “**Então não verias o divino Agamêmnon com preguiça**” (Il. 4. 223): **um caso de apóstrofe na *Ilíada*?**, Gabriela Canazart e Christian Werner discutem as alocações dirigidas ao narratário primário na *Ilíada*, investigando se essas alocações podem ser consideradas apóstrofes e também a possibilidade de o emprego desse recurso sugerir ao narratário outros caminhos para a narrativa se desenvolver e como isso se daria.

A partir do conceito de “modo”, formulado por Fowler (1982, p. 107), Matheus Trevizam analisa passagens das *Éclogas*, *Geórgicas* e da *Eneida* de Virgílio em que se dão misturas de gêneros, em **Modulações genéricas em Virgílio**. O objetivo do autor é apresentar exemplos que permitam entender a variabilidade dos recursos genéricos que o autor latino empregou em suas obras.

Em **Tradução comentada do proêmio de *Medicamina Faciei Femineae*, de Ovídio**, Tassiana de Brito Viana Marques e Maria Hozanete Alves de Lima traduzem e comentam a presença da *puella* romana e de outras mulheres, às quais o autor faz referência nos versos de abertura deste poema ovidiano.

Cristóvão José dos Santos Júnior apresenta a primeira tradução integral para a língua portuguesa do capítulo XIV da obra *De ira Dei* (*Sobre a ira de Deus*), atribuída a Lactâncio em **Cícero e o propósito da criação do homem: tradução do capítulo XIV da obra *De ira Dei* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio**. No texto traduzido, Lactâncio busca defender a doutrina cristã em oposição ao paganismo, defendendo, a partir do pensamento de Cícero, que a natureza humana foi feita para amar ao próximo e honrar a Deus.

Luiz Carlos André Mangia Silva apresenta uma tradução para a língua portuguesa da segunda parte do romance de Longo de Lesbos, intitulado *Dáfnis e Cloé*, datado de meados do século II d.C., em **Dáfnis e Cloé, de Longo de Lesbos - Livro segundo: tradução e comentário**. Essa parte do romance apresenta ao leitor diferentes ações de seus personagens, como, por exemplo, a lida na colheita da uva, o incidente com os jovens estrangeiros, a intervenção guerreira do deus Pã, e, por fim, a celebração dos personagens com banquete e apresentações artísticas.

Passamos, então, às contribuições da seção de Estudos Tradutórios. No primeiro artigo da seção, **Médiation Culturelle en Traduction: l'importance du rôle du traducteur**, Ana Saldanha reflete sobre o papel do tradutor como mediador entre culturas nas perspectivas teóricas de Umberto Eco e Susan Bassnett.

2

Com o objetivo de identificar as diferentes leituras do texto-fonte, Sheila Santos em seu artigo **Traduction ou la lectures en profondeur: Analyse des traductions françaises de Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa**, analisa duas traduções francesas da obra *Grande Sertão: Veredas*, intituladas *Diadorim*. As análises têm como base teórica as obras de Plassard, Walter Benjamin, Ladmiral, entre outros.

Em **O azul da ilha (Le bleu de l'île)**, Ana Cláudia Romano Ribeiro apresenta uma tradução realizada coletivamente com a seguinte equipe sob sua direção: Bárbara Martins Jacob, Camila de Souza Álvares, Caroline de Souza Seemann Flutuoso, Catherine Bonesso, Felipe Floriano Adão, Filipe Nunes, Janaina Fernanda Céspedes Campos, Jéssica Kwan Wah Mak, Keila Cristina Pereira Ribeiro, Laís Aparecida de Toledo Almeida, Letícia Xavier Serra, Lucas de Souza Guimarães, Márcia Regina de Araújo, Mariana Daminato Alves, Naiane Cortezini da Silva, Renata Grazielly Aguiar Lobo, Rômulo Batista Aenlhe Correa, Stephanie Silvestre. A tradução da peça, escrita originalmente em francês pela haitiana Évelyne Trouillot em 2005, é antecedida por uma breve apresentação da autora, o contexto em que a obra foi produzida e o ponto de partida do trabalho da tradução.

Já na tradução do ensaio literário **Uma nota sobre o Realismo, de Robert Louis Stevenson**, Thaís Fernandes dos Santos apresenta a proposta do poeta e

escritor escocês sobre técnica de escrita aplicada ao texto literário e de elementos de estilos que podem revelar a originalidade do projeto estético do autor.

Em **Tradução audiovisual: teoria e prática da dublagem**, Adauto Lúcio Caetano Villela e Pedro Bustamante Teixeira apresentam uma tradução do artigo “Traduzione audiovisiva, teoria e pratica dell’adattamento” de Eleonora Fois, publicado em 2012. O artigo enfoca as etapas do processo de dublagem que envolvem desafios linguísticos, soluções técnicas e profissionais envolvidos.

Finalizamos com a entrevista intitulada **¿Cómo hablan los chilenos? Conocer la historia de un idioma para traducir**, realizada com o professor Darío Rojas. As autoras Meritxell Hernando Marsal e Mary Anne Warken Soares Sobottka apresentam ao leitor algumas particularidades do espanhol chileno e o caráter eminentemente político das práticas linguísticas.

Agora apresentamos os textos submetidos especialmente ao dossiê “Linguagem, natureza e felicidade na Antiguidade”. Abre este dossiê o artigo **“Natureza”, “substância” e metáfora em Aristóteles**, em que Lucas Angioni discute o trecho 4, 1015a11-13 do livro V da *Metafísica* de Aristóteles. Ali, segundo o estudioso, o filósofo parece identificar um uso metafórico do termo “natureza” (*physis*) para se referir às entidades que, em sua filosofia, são denominadas de “substância” (*ousia*).

Em **The *Multae quippe orationes verae quidem sed obscurae***, Carlo G. Delle Donne analisa os diferentes tipos de *obscuritas* apresentados por Calcídio em seu comentário ao *Timeu* de Platão (317.15 ff. Wazink). O objetivo do estudioso é apresentar um estudo extensivo sobre a classificação geral de *obscuritates* feita por Calcídio – tema que tem recebido pouca atenção dos estudiosos – e relacioná-la às estratégias do médio-platonismo que visam neutralizar certa obscuridade de Platão.

Com o intuito de pensar a reflexão acerca do *lógos* e da *phýsis* apresentada por Górgias de Leontine no *Elogio de Helena*, Daniela Brinati Furtado e Fábio Fortes, em **Uma reflexão acerca da *phýsis* e do *lógos* no *Elogio de Helena***, analisam três dos quatro motivos principais elencados pelo sofista para Helena não ser culpada pela guerra de Troia. As considerações dos autores levam em conta o modo como se dá a relação dos homens com a *phýsis* e o *lógos*.

Na sequência, Andrea Lozano-Vásquez procura caracterizar o modo como o ceticismo pirrônico usa a linguagem para testar se tal uso é suscetível aos criticismos dogmáticos, especialmente de uma perspectiva estoica em **Pyrrhonian language**. Para sua discussão, a estudiosa seleciona os usos elencados por Diogenes Laércio (*D.L.* 9.71-78) e por Timão de Fliunte em *Silloi*.

No artigo intitulado **Il senso delle occorrenze del termine παρηγοία nel *Lachete***, Silvio Marino observa o sentido do termo παρηγοία e do seu derivado verbal παρηγοιάζεσθαι no *Laches* de Platão. Ao analisar tais termos e outros a eles

relacionados na obra em cotejo, o estudioso procura mostrar como a παρησιία individualiza o espaço de diálogo como o espaço de uma comunidade dialógica.

De autoria de Juarez Oliveira, o artigo **A linhagem dos heróis na cosmologia hesiódica** apresenta uma discussão sobre a figura do ἥρωες na poesia hesiódica a fim de entender em que consistem o herói e a chamada linhagem dos heróis na cosmologia apresentada por Hesíodo. Ao realizar uma análise filológica das passagens da *Teogonia*, do *Catálogo das Mulheres* e de *Trabalhos e Dias* em que o termo ἥρωες é usado, o estudioso procura mostrar como as funções, a vida, as atividades e o destino do herói são apresentados nas obras selecionadas em seu texto.

Angelo Antonio Pires de Oliveira em **The introduction of the moral psychology in the ergon argument** discute detalhadamente uma das primeiras conclusões quanto ao argumento do *ergon* de Aristóteles. Dedicando sua atenção às linhas 1098a3-4 da *Ética a Nicômaco*, o estudioso analisa primeiramente como se deve interpretar o termo “πρακτική” e, na sequência, defende que a expressão “λόγον ἔχον” introduz preliminarmente os critérios de divisão das virtudes apresentados em *EN* I.13.

As traduções que completam o dossiê são dedicadas a textos latinos. A primeira delas, de Lucas Consolin Dezotti, intitulada **Da boca suja à mente poluída: a carta de Cícero a Peto (Ad Fam. 9.22)**, apresenta uma tradução anotada da mencionada carta de Cícero a Lúcio Papínio Peto. Nela, o Arpinate disserta sobre a natureza e a origem da obscenidade expressa pela linguagem, recorrendo a exemplos práticos para demonstrar que o caráter obsceno de qualquer expressão linguística não se deve nem à natureza da coisa referida, nem à natureza da palavra pronunciada, e sim à atitude interpretativa do ouvinte.

Por fim, Willamy Fernandes Gonçalves traduz e comenta o prefácio de um dos tratados de Sêneca em **A contemplação da natureza e o sumo bem segundo Sêneca: tradução comentada do prefácio do livro I das Naturales Quaestiones**. No prefácio deste tratado, considerado como um dos representantes dos estudos estoicos sobre a natureza, o filósofo latino expõe sua visão acerca da importância do estudo da natureza e, longe de considerá-lo secundário, argumenta que se trata do sumo bem da vida humana, sem o qual mesmo uma vida perfeitamente ética deixa de ter valor.

Com desejos de boa leitura e de que 2021 traga tempos melhores a todos e todas, fechamos o oitavo volume da *Rónai*!

Os editores

Carol Martins da Rocha

Noemi Teles de Melo

Rodrigo Pinto de Brito (editor convidado)